



“Zumbi-Exu” e outras questões identitárias em “a cabeça de zumbi”

Christina Bielinski Ramalho
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
ramalhochris@hotmail.com

Luciara Leite de Mendonça
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
luciaraleitte@hotmail.com

Resumo: Este trabalho investiga a presença da figura de Zumbi dos Palmares no conto “A cabeça de Zumbi” (2009), de Alberto Mussa, buscando tanto compreender aspectos históricos e culturais nele presentes como explorar a associação entre a figura mítico-histórica de Zumbi e a do orixá Exu. Inicialmente, para situar e dimensionar a importância do herói de Palmares para a história do negro no Brasil e dimensionar a questão de nossa formação identitária, utilizamos pensamentos de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Stuart Hall, entre outros. Em seguida, enfocamos o conto e a relação entre Zumbi e Exu, feita por Conceição Evaristo na apresentação do livro, aprofundando-a a partir de informações colhidas nas obras de Reginaldo Prandi, Roger Bastide e Vagner Gonçalves da Silva e de observações críticas feitas por Moema Augel.

Palavras-Chave: Exu, Identidade Cultural, Literatura Afro-Brasileira, Zumbi dos Palmares.

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i3.1578>

Zumbi-Exu" and other identity issues in "the zombie head

Abstract: This work investigates the presence of the figure of Zumbi of the Palmares in the tale "The head of Zumbi", of Alberto Mussa, trying, at the same time, to understand historical and cultural aspects present and to explore the association between the mythical historical figure of Zumbi and the one of the orixá Exu . Initially, to situate and size the importance of the hero of Palmares for the history of the Negro in Brazil and to dimension the question of our identity formation, we use thoughts of Sérgio

Buarque de Holanda, Gilberto Freyre and Stuart Hall, among others. Then, we focus on the story and the relationship between Zumbi and Exu, made by Conceição Evaristo in the presentation of the book, to deepen it from information collected in the works of Reginaldo Prandi, Roger Bastide and Vagner Gonçalves da Silva and from critical observations made by Moema Augel.

Keywords: Exu, Cultural Identity, Afro-Brazilian literature, Zumbi dos Palmares.

Um dia Exu pegou a estrada e foi em busca de solução.
(REGINALDO PRANDI)¹

[...] consentiu em explicar que Exu presidia à magia, na grande revolta dos escravos contra o regime de opressão a que estavam submetidos, tornando-se o protetor dos negros [...]

(ROGER BASTIDE)²

Quando em junho de 1676 o sargento-mor Manuel Lopes Galvão voltou fracassado de uma incursão contra Palmares, afirmou que o quilombo só cairia com a cabeça do homem chamado Zumbi.

(ALBERTO MUSSA)³

Zumbi dos Palmares, um dos grandes líderes da história colonial brasileira, símbolo de resistência e busca pela liberdade, é um ícone da resistência negra à escravidão. Além disso, o herói dos Palmares é representativo expoente da luta contra o preconceito e as perversas condições a que os povos africanos foram submetidos na história do Brasil. Pela ampla dimensão de suas ações, que ultrapassam o registro histórico e ganharam dimensão simbólica, Zumbi

¹ Verso extraído de "Exu leva aos homens o oráculo de Ifá", texto que integra *Mitolgia dos orixás*, de Reginaldo Prandi (2001, p. 78).

² Extraído de *O candomblé da Bahia*, de Roger Bastide (2001, p. 162).

³ Citação do conto "A cabeça de Zumbi" (RUFATTO, 2009, p. 185).

tornou-se figura simultaneamente histórica e mítica, o que gerou grande diversidade nas representações de sua imagem em obras literárias e artísticas.

O herói dos Palmares, reconhecido como grande guerreiro e chefe supremo da revolta dos Palmares, está representado na música popular brasileira, nas cantigas de capoeira, nos folguedos populares, na pintura, no folclore e, principalmente, na literatura afro-brasileira. Nas representações literárias e culturais que se referem a Zumbi, se sobressai a tensão entre o “histórico” e o “mítico”, e os textos, como bem classificou Robert Anderson⁴, funcionam como “histórias sagradas” que tomam o herói como “modelo exemplar”.

A força mítica que é atribuída a Zumbi também traduz respeito e devoção, o que permite, igualmente, associações simbólicas que dialogam com a linguagem mística. No âmbito da religiosidade afro-brasileira, tal como as epígrafes que abrem este artigo revelam, temos, em Exu, a figura emblemática do líder que busca resolver problemas e proteger a causa negra. Diante disso, não é difícil perceber o enorme potencial de associação simbólica entre o orixá e Zumbi dos Palmares, tal como propõe Conceição Evaristo na apresentação de *Questão de pele*, livro no qual está inserido o corpus desta abordagem crítica.

De forma sucinta, portanto, o objetivo deste trabalho é analisar a presença da figura heroica de Zumbi dos Palmares no conto “A cabeça de Zumbi”, de Alberto Mussa, a partir dos enfoques histórico e mítico, de modo a reconhecer o uso que Mussa faz da imagem cultural do herói do Quilombo dos Palmares.

Para realizar o estudo, partimos de dois questionamentos: “Até que ponto essa obra dialoga com registros históricos sobre Zumbi dos Palmares?” e “Como a inserção mítico-simbólica de Zumbi dos Palmares na cultura brasileira é representada”? Prosseguimos com a investigação, aprofundando-nos na associação Zumbi-Exu, e, apoiadas por Bastide, Prandi e Silva, aproximamos o conto e as narrativas míticas que difundem a imagem de Exu. Para compreender o quadro de construção da identidade cultural, dialogamos com o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Silviano Santiago e Stuart Hall, entre outros. Sobre a obra de Mussa, apoiamo-nos em Moema Augel e Conceição Evaristo.

1. Algumas notas sobre Zumbi dos Palmares e a afirmação da identidade cultural brasileira

⁴ Indicamos a leitura do artigo de Robert Anderson intitulado “O mito de Zumbi: implicações culturais para o Brasil e para a diáspora africana”. Ver bibliografia.

Zumbi dos Palmares, o último dos chefes dos guerreiros africanos rebelados no Brasil Colônia e a quem coube enfrentar as principais expedições de guerra enviadas pelo governo português para destruir Palmares, acabou morrendo em 1695, quando o acesso ao último reduto de resistência foi possibilitado por traição, e com ele tombaram as derradeiras centenas de guerreiros da fortaleza dos Palmares. Para compreender a importância desse fato histórico, é necessário nos voltarmos a algumas questões relacionadas ao Brasil do século XVII.

A época colonial brasileira conheceu uma forte reação ao regime escravocrata, coberta de uma cadeia ininterrupta de resistência à ordem estabelecida pelo regime senhorial. Essa reação ocorreu, segundo destaca Moema Augel, em “Os herdeiros de Zumbi: representação de Palmares e seus heróis na literatura afro-brasileira contemporânea”, em um quilombo na Bahia no ano de 1675, e tinha como principal objetivo lutar contra o trabalho forçado e promover a liberdade da população negra submetida aos horrores da escravidão. A autora afirma que esses protestos envolveram permanentes e diversificadas formas de resistência, de inconformismo e de tentativas não só de fuga, mas de reorganização da ordem social aniquilada pelo tráfico negreiro.

Passados alguns séculos, o que se perpetua de todo esse complexo contexto histórico circula por vieses por vezes discrepantes, visto haver espaços distintos de representação do que se passou em Palmares. Sabemos que os espaços de representação dos fatos históricos são a própria história, a literatura, a televisão, as artes, etc. E quem compõe as narrativas que serão veiculadas nessas áreas do conhecimento e da expressão humanas são escritores/as, artistas e intelectuais. Contudo, tanto a criação literária e artística como a compilação de narrativas inscritas na oralidade e a veiculação de documentos históricos envolvem poder. E no Brasil, grande parte das narrativas que construíram nossa identidade cultural esteve subjugada ao poder colonial e, portanto, ao ponto de vista do europeu.

O negro e o índio, por exemplo, não estão presentes na maior parte dos discursos que integram a bagagem ou a memória cultural brasileira. E, quando aparecem, com muito poucas exceções, estão reduzidos a lugares-comuns criados pela leitura condicionada de sua participação no processo de formação identitária brasileira. Entretanto, a nossa raiz cultural é triádica: indígena-europeia-africana. Como bem destaca Gilberto Freyre, a formação brasileira é um processo de equilíbrio de “[...] Antagonismos de economia e de cultura. A cultura europeia e a indígena. A economia agrária e pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege [...] Mas

predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o engenho”⁵.

Se dois vértices da história do Brasil foram excluídos ou representados apenas a partir de um olhar contaminado por injunções alienantes de poder, cabem ações que revisitem essas representações e promovam indagações que desconstruam e reconstruam nossa própria história. Essas indagações e ações remontam à questão de nossa identidade cultural e ao desejo latente de se reformular o “corpo” da nação. Os negros, em especial, quando não foram excluídos da história, apareceram na literatura, nas artes e mesmo na televisão e no cinema, expressões do século XX, como escravos ou submissos e inferiores aos brancos.

Ainda no que diz respeito à nossa identidade cultural, Sergio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, aponta que, mesmo escravizado, o homem negro pode ter parte de sua cultura preservada. E Holanda explica o porquê:

O escravo das plantações e das minas não era um simples manancial de energia, um carvão humano à espera de que a época industrial o substituísse pelo combustível. Com frequência as suas relações com os donos oscilavam da situação de dependente para a de protegido, e até solidário e afim. Sua influência penetrava sinuosamente o recesso doméstico, agindo como dissolvente de qualquer ideia de separação de castas ou raças.⁶

Desse processo de transmissão, pelo qual, em grande parte, foram responsáveis as mucamas que habitavam as cozinhas da casa-grande, resultou a influência da cultura africana até os dias atuais, configurando o que hoje reconhecemos como “tradição afro-brasileira”. A grande questão reside, justamente e como já dissemos, na desconstrução das injunções que sobredeterminaram a circulação dessas tradições e mesmo os filtros que nos alijaram do conhecimento de muitos outros componentes culturais. Hoje, contudo, tempo em que as minorias têm ganhado algum relevo, é possível observar registros e representações que sinalizam para mudanças no próprio modo como a identidade cultural brasileira é considerada.

A identidade cultural resulta do conjunto de características de um povo, oriundas da interação dos membros da sociedade e da forma de se posicionarem diante do mundo, haja vista que cada povo tem sua própria cultura, com suas características particulares. A identidade cultural é, portanto, o que distingue um povo do outro. Em termos de identidade cultural brasileira, temos um marco importante no âmbito da promoção da desconstrução de que falamos. Trata-se do

⁵ FREYRE, 2003, p. 116.

⁶ HOLANDA, 1995, p. 55.

empenho de artistas, escritores/as e intelectuais que, amparados/as por movimentos de conscientização acerca das injunções culturais que perpetuaram uma tradição “capenga”, buscam revisitar o percurso que nos levou aos traços identitários alienados que, por séculos, nos definiram. Nesse caminho, necessário se faz ressaltar, por exemplo, a importante contribuição do movimento *Quilombhoje*, fundado em 1980 por Oswaldo de Camargo, Paulo Colina (1950-1999), Cuti (1951) e Abelardo Rodrigues (1952), que busca incentivar a reflexão e a produção de uma literatura comprometida com a valorização da cultura afro-brasileira.

Em relação, especificamente, ao contexto da revolta em Palmares, temos outro exemplo de resistência e de ação cultural nos movimentos negros que conseguiram que o local onde existiu Palmares, na Serra da Barriga, fosse tomado como homenagem a essa relíquia histórica, que, ao mesmo tempo, é também considerada um símbolo da resistência e da luta pela liberdade. Ou, como afirma Moema Augel, Palmares “[...] é símbolo por excelência da reivindicação e o marco de que resistir vale a pena. É uma construção metonímica, abarcando a ideia de resgate, de glória, de dignidade recuperada [...]”⁷ Dentro desse espírito é que a inserção de Zumbi dos Palmares na História do Brasil é enfatizada pelos afrodescendentes, que, cada vez mais, se esforçam em lhe recuperar a memória, sobretudo porque a historiografia oficial minimiza sua importância ou ignora os feitos daquele que se perpetuou como herói da resistência negra.

No que diz respeito à literatura afro-brasileira ou afrodescendente, havia autores tais como Mário de Andrade que buscavam desempenhar uma representação positiva do afrodescendente, ora destacando seus feitos e participações heroicas em nossa história, ora satirizando os “donos-do-poder”, ora colocando em evidência os heróis históricos. Em “Instinto de Nacionalidade”, por exemplo, Machado de Assis mostra que éramos ainda uma nação em construção. Não obstante, havia autores com certo instinto de nacionalidade, que valorizavam a presença da cor local. Nesse ensaio, Machado afirma o esforço de autores nacionais em dar um colorido próprio à literatura nacional. Conquanto, havia uma dominação externa sobre nós. Daí uma possível explicação dos intelectuais e escritores não desejarem narrar o “lado ruim” da nossa identidade cultural. Veja-se, por exemplo, como o negro é representado nos escritos do Romantismo, do Realismo, do Naturalismo e início do Modernismo.

Já no patamar da contemporaneidade, a literatura afro-brasileira trabalha, dentre outras questões, com a construção da identidade cultural brasileira, buscando reintegrar a ela as

⁷ AUGEL, s/a, p.4.

contribuições do componente afrodescendente de nossa história. Logo, o escritor afro-brasileiro, ao abordar em suas obras heróis como Zumbi, se identifica consigo mesmo, assumindo uma pertença que sublinha a marginalidade a que o negro, em geral, esteve (e ainda está) relegado.

A literatura afro-brasileira, assim, nos oferece a oportunidade de apreensão de um novo imaginário acerca da presença do sujeito negro na sociedade brasileira. No entanto, no campo da literatura brasileira em geral, ainda há uma forte tendência em inviabilizar o negro, pois, como argumenta Conceição Evaristo, “[...] Se levarmos em consideração a quantidade de obras que compõe a literatura brasileira, perceberemos que o personagem negro aparece bem menos como protagonista em relação ao personagem branco e surge muito mais como coadjuvante ou mesmo como antagonista do personagem central [...]”⁸. Nesse mesmo viés, os livros de história (maioria), transmitem a passividade do negro. Por exemplo, em *Formação do Brasil contemporâneo*, Caio Prado Júnior⁹ sobreleva o negro como passivo e submisso. Entretanto, os negros eram submissos pela condição imposta (escravidão), e, por isso, quando tinham oportunidade, lutavam e fugiam.

Ao resgatarmos heróis da nossa história, como Zumbi dos Palmares, autores como Alberto Mussa buscam dar realce à identidade do sujeito negro, brasileiro, afrodescendente, emprestando-lhes voz e visibilidade. Em busca da afirmação identitária de Zumbi dos Palmares, há, portanto, uma tendência a exaltar o herói que não ficou passivo diante das injustiças e da segregação social. Nesse contexto, Moema Augel pondera que “Zumbi aparece na literatura como agente propiciador da liberdade verdadeira, em oposição à lei perpetrada pela Princesa Isabel”¹⁰. Tal condição acontece porque as independências dos países africanos insuflaram, nos afrodescendentes e nos povos em geral, uma grande emoção e constituíram um despertar para a reação contra as injustiças sociais.

Esses autores afirmam suas diferenças, uma vez que essa consciência da diferença os leva a pensarem em sua própria identidade. Eles estendem sua subjetividade e compartilham sua identidade, expandindo-se, em seguida, para a construção da identidade coletiva brasileira. Assim, ao darem realce a heróis como Zumbi dos Palmares, em poemas e narrativas, esses autores buscam não só desconstruir a identidade cultural e coletiva brasileira, mas, principalmente, reconstruí-las a partir da integração das identidades do sujeito negro, brasileiro, afrodescendente.

⁸ EVARISTO, 2009, p. 20.

⁹ Ver PRADO JÚNIOR, 2003, p. 110.

¹⁰ AUGEL, 1987, p. 2.

Ainda a propósito da construção da identidade nacional de um povo, é válido ressaltar a intrínseca relação entre mito e identidade. O mito traduz, como linguagem, um modo de ver, sentir e dimensionar a realidade, e como tal faz parte do próprio processo de formação identitária. O mito se revela através de narrativas que justificam a própria existência da sociedade, sua história ou sua própria memória cultural, e, nesse sentido, está imbricado na formação da identidade cultural. O mito, portanto, está inserido na cultura de um povo. Por sua vez, é através da cultura que se estabelece a relação entre mito e identidade. A identidade cultural, na perspectiva de Stuart Hall, é constituída por aspectos de nossas identidades que surgem de nossa pertença, ou seja, nossas culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, e acima de tudo, nacionais¹¹ O mito sinaliza a manifestação desse sentimento de pertença. Logo, quando entramos no reino das imagens míticas, estabelecemos contato direto com a imaginação, a sensibilidade e a sintonia humana com o mistério, que, apesar de todas as tentativas e evoluções do conhecimento humano, sempre está lá, revelando novas faces herméticas, novas pulsões ao desconhecido, novos embriões para novas imagens míticas.

Jean-Pierre Martinon aborda um aspecto relacionado ao mito que nos parece bastante pertinente para esta abordagem:

Por um lado os mitos são documentos históricos, etnográficos, observações clínicas, e devem então ser decifrados, quer dizer que se deve descobrir sua tradutibilidade recíproca; por outro lado, o escritor ao recompor um mito, revela que este último, além de sua tradutibilidade, é suscetível de variações de interpretações de época para época: a plurivocidade que faz dele uma fênix que pode se inscrever, além da situação social na qual apareceu, em outras épocas cuja cultura pode por sua vez exprimir de novo o conteúdo de um antigo mito, a fim de que seja reconhecido como sendo compreensível e aceito como necessário para todos os que, ao mesmo tempo, conhecem e podem interpretar o texto original.¹²

Se assim o é, quando uma imagem mítica é retomada pela literatura – muitas vezes, ampliada e relacionada a outras estruturas igualmente mítica (como se dá no caso do espelhamento Zumbi/Exu) –, pode-se recolher do texto que a veicula novos parâmetros para se perceber a própria identidade cultural ali representada.

Por tudo isso, quando a literatura abraça a fronteira entre história e mito, ou seja, quando aborda temas cuja excepcionalidade projeta eventos e personagens na dupla via do registro

¹¹ Ver HALL, 1997, p. 8.

¹² MARTINON, 1977, p. 122.

histórico que alcança dimensão simbólica, fica estabelecida uma ponte direta para a percepção do imaginário envolvido. Sendo Zumbi uma figura histórica que ultrapassou tempo e espaço e penetrou no âmbito do simbólico e do imaginário, cabe muito bem, além dos aspectos históricos, verificar em que medida esse expansionismo em direção ao mito aparece em obras que tomem Zumbi como tema, tal como se dá em “A cabeça de Zumbi”, de que passaremos, agora, a tratar.

2. “A cabeça de Zumbi”: Zumbi-Exu e outros aspectos identitários

O conto “A cabeça de Zumbi” compõe a antologia *Questão de Pele* (2009), organizada por Luiz Ruffato, que selecionou e organizou vários contos literários que versam sobre o preconceito racial. Esses contos oferecem a leitores e leitoras uma reflexão sobre a história política e social do Brasil, reafirmando a potencialidade da literatura como um instrumento capaz de ajudar a entender os meandros dos jogos que subjazem nas relações entre indivíduos e grupos e que, ao mesmo tempo, contribuem, muitas vezes, para uma construção alienada da identidade cultural.

Alberto Mussa, autor deste conto, é escritor brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1961. Depois de estudar Matemática, formou-se em Letras pela UFRJ e tornou-se mestre em Linguística. Sua proposta, como pesquisador, é fundir a tradição narrativa ocidental aos relatos mitológicos de outras culturas (afro-brasileira, Arábia pré-islâmica e Brasil indígena). Sua ficção abarca o conto e o romance, com destaque para o *Compêndio Mítico do Rio de Janeiro*. Recriou a mitologia dos antigos tupinambás e traduziu a poesia árabe pré-islâmica. Além disso, escreveu, com Luiz Antônio Simas, uma história do samba de enredo. Sua obra, publicada hoje em 17 países e em 15 idiomas, é premiada no Brasil e no exterior.

Em “A cabeça de Zumbi”, narra-se o processo que levou Zumbi à morte. Ao recontar essa história, cruzando-a com o mito, o conto reafirma o sentido inapreensível, apenas pelo viés histórico, do herói de Palmares. Por quê, pensando no título, a cabeça de Zumbi? Trata-se da “cabeça material” ou da “cabeça condutora, isso no sentido de inteligência, guia espiritual”? Nesse contexto, instala-se a relação do híbrido tanto no âmbito da construção do conto como no da identidade. É interessante que no conto, além da narração da história do processo da morte de Zumbi, há a valorização do Zumbi dos Palmares como o “cabeça inteligente”, e o direcionamento para um paralelo entre Zumbi e o orixá africano Exu. Esse duplo aspecto revela a importância do dado histórico no conto e sinaliza a igual relevância da via mítica.

Sobre a relação Zumbi/Exu, bem descreve Conceição Evaristo, na apresentação de *Questão de pele*:

A voz textual discorre sobre um Zumbi complexo, uno e múltiplo que se assemelha a Exu, o princípio da individualidade, do movimento, da dinamicidade e das trocas. E vencendo a morte, afirma o narrador do conto, Zumbi diluiu ‘a sua própria individualidade, disseminando-se como ente coletivo’. O que torna possível crer em eterno movimento, pois ‘vagando pelas brenhas’, insiste a voz do narrador, ‘certamente ainda há algum Zumbi para morrer’. Ao que acrescentamos a nossa: ou para reviver sempre nas narrativas.¹³

A narrativa de Alberto Mussa, portanto, explora miticamente a figura desse herói que a história e a literatura têm tentado construir. É um Zumbi que se assemelha a Exu – figura mítica do contexto afro-brasileiro, orixá africano que liga os humanos ao mundo dos orixás. Sem Exu, nenhuma comunicação com o mundo espiritual é possível, e não há proteção para o terreiro ou filhos. Zumbi, ao morrer, revive, e pela dimensão simbólica, torna-se um herói simultaneamente histórico e mítico, uma vez que possui grande importância na luta contra o preconceito e contra as perversas condições a que os povos africanos foram submetidos na História do Brasil; e, em consequência, foi culturalmente assimilado pelo povo como eterno e imortal, representando toda a comunidade negra.

Sobre Exu, nos contam Vagner Gonçalves da Silva e Roger Bastide:

EXU, orixá mensageiro entre os homens e os deuses, é uma das figuras mais polêmicas do candomblé. Desde sua origem na África, está associado ao poder de fertilização e à força transformadora das coisas. Nada se faz, portanto, sem sua permissão. Exu, quando não é solicitado diretamente, é quem conduz o pedido dos homens para os outros deuses.¹⁴

É claro que os brancos se amedrontariam – alguns deles até mesmo encontraram a morte envenenados por essas plantas conhecidas como “para amansar senhores” – e identificaram Exu como o diabo dos cristãos, vendo nele o princípio do mal, o elemento demoníaco do universo.¹⁵

Como se vê, Exu detém a condição de líder, de entidade com caráter pragmático, que busca, corajosamente, soluções para os problemas (PRANDI); tem força fertilizadora e transformadora (SILVA); e, ao mesmo tempo, é figura que atemoriza os “brancos” com seus “venenos” (BASTIDE) e a entidade relacionada à defesa dos negros (BASTIDE).

¹³ Ver EVARISTO, 2009, p. 29.

¹⁴ SILVA, 1994, p. 70.

¹⁵ BASTIDE, 2001, p. 162.

Para percebermos desde já como as características de Zumbi destacadas pelo conto podem nos remeter ao perfil de Exu, lembramos, voltando a nos referirmos às epígrafes deste artigo, que, no início do conto, o sargento-mor Manoel Lopes Galvão afirma que o quilombo só cairia com a cabeça de Zumbi, o que emblema ao título do conto “A cabeça de Zumbi” e nos leva ao questionamento: “Que cabeça?”. Reflexões sobre o encaminhamento da narrativa nos trarão possibilidades de compreender a força simbólica desse referente e sua relação com Exu.

Manoel Lopes Galvão, ainda no início do conto, continua a fala sobre Zumbi “[...] Porque Zumbi não parecia comandar, mas arrastar os palmarinos sobre as hostes inimigas, contra as quais acometia sem medo ou clemência” e “[...] Zumbi combatia ao mesmo tempo em mais de um lugar”, e isso transporta ao status mítico que se atribui ao herói de Palmares.¹⁶ Esses pensamentos do personagem, apreendidos por um narrador onisciente, refletem o caráter múltiplo e complexo que é atribuído a Zumbi, cuja mobilidade é apresentada com um caráter que extrapola a mera condição humana. Por isso, o conto nos diz que: “[...] Galvão não sabia exatamente por que, mas pressentia que aquele Zumbi era o espírito que tutelava Palmares”.¹⁷

De outro lado, as narrativas relacionadas a Exu que nos são apresentadas por Prandi revelam a extraordinária mobilidade do orixá, que circulava pelos mais diversos ambientes, provocando todos com sua inteligência e espírito vingativo. “Exu ganha poder sobre as encruzilhadas”, “Exu respeita os tabus é feito o decano dos orixás”, “Exu põe fogo na casa e vira rei” e “Exu não consegue vencer a Morte”, por exemplo, são narrativas míticas que, desde o título, destacam o caráter revolucionário de Exu e seu modo peculiar de conquistar o reconhecimento. E esse perfil é bastante semelhante ao de Zumbi, que igualmente circulava nos mais diferentes espaços, sempre provocando temor e buscando mobilizar os revoltosos.

Observa-se, ainda, no conto, que há elementos que condicionam a dupla representação (histórica e mítica) de Zumbi. Por exemplo, o narrador do conto impõe um ponto de vista imediatamente mítico em relação à história que está contando, ou melhor, ele se identifica com uma versão da tradição identitária de Zumbi dos Palmares, que confere ambiguidade à morte de Zumbi. Veja-se em outro trecho do conto: “[...] Por isso a angústia dos que vêm às cercanias de Palmares ou simplesmente contemplam a serra da Barriga: porque se esconde naquelas matas

¹⁶ MUSSA, 2009, p. 185.

¹⁷ MUSSA, 2009, p. 186.

uma possível negação da singularidade dos seres e da própria ontologia humana; porque, vagando pelas brenhas, certamente há algum Zumbi para morrer”¹⁸.

De forma geral, também os personagens que compõem o conto são inseridos como modo de valorização dessa tradição mítico-histórica. São eles: Ganga Zumba, o mensageiro, Antônio Soares e Manoel Lopes Galvão. No caso de Ganga Zumba, este aparece como autoridade de Palmares que acreditava na liberdade como único bem; e a inteligência como único valor. Veja-se: “[...] Embora reconhecesse que a conquista da liberdade por vezes dependia da força, essa força seria nada se não houvesse sob si um cérebro que a comandasse, para um fim programado”¹⁹ Ao falar sobre “um cérebro”, o narrador nos direciona mais uma vez ao título do conto “A cabeça de Zumbi”, fazendo-nos questionar: “Qual cérebro?”. Poderíamos pensar em um significado que unisse os referentes Zumbi, Exu, identidade, mito, logos e ethos, imaginando a cabeça de Zumbi como uma cabeça condutora, no sentido da inteligência estratégica, como vemos em:

Antes mesmo de completar um ano de destruição do memorável quilombo, Zumbi reaparecia, pilhando engenhos, assolando vilas, aterrorizando as pessoas. Fora visto em Serinhaém, em Alagoas, em Porto Calvo, no Recife. Foi quando o governador – involuntariamente – acabou por concordar com o sargento-mor Manoel Lopes Galvão: o troféu necessário era a cabeça de Zumbi.²⁰

Entretanto, o troféu a que o governador se referia foi exposto em praça pública: a cabeça de Zumbi. Contudo, era apenas a cabeça material, pois, como o narrador afirma no conto, Zumbi era um mortal eterno que se disseminava culturalmente como um ente coletivo: “[...] Assim, vez por outra, Pernambuco continuava a ver o rosto de Zumbi. Até em mulheres; até em crianças; até em brancos”.²¹ O que nos faz concluir que “A cabeça de Zumbi” era a cabeça condutora, no sentido da inteligência, guia de uma coletividade. E que, nesse sentido, representa a identidade coletiva.

Ao longo do conto, narra-se também o processo de morte de Ganga Zumba em meio à luta contra os brancos (que se fortaleciam). Zumbi dos Palmares, envenenando Ganga Zumba, se alça à posição de grande chefe de Palmares. Ao enfatizar essa troca de chefes (Ganga Zumba por Zumbi), o narrador do conto mostra o empenho de Zumbi na luta pela liberdade. E esse empenho, tal como percebemos nas narrativas ligadas a Exu, também incluía um confronto ideológico com

¹⁸ MUSSA, 2009. p. 193.

¹⁹ MUSSA, 2009, p. 186.

²⁰ MUSSA, 2009, p. 193.

²¹ MUSSA, 2009, p. 193.

Ganga Zumba, cujo pensamento, oposto ao de Zumbi, levou-o a ingressar no rol dos empecilhos para que Zumbi alcançasse o que pretendia. O que Ganga Zumba entendia como estratégia de inteligência era visto como fraqueza por Zumbi:

Para Ganga Zumba, Palmares não estava totalmente seguro. Os últimos ataques o provavam. Precisava de mais armas. Precisava de mais homens. A trégua era só um aspecto da guerra. Não se podia renunciar à liberdade apenas para dar vazão a uma ânsia irracional de vitória. Por isso a inteligência. Por isso a trama sutil em que pretendia enredar os portugueses.²²

O envenenamento de Ganga Zumba, ação do próprio Zumbi, mais uma vez no remete às estratégias de Exu.

Os mocambos, por sua vez, que dizem respeito ao espaço, são descritos na narrativa como semblantes de Zumbi e a esse espaço é atribuído valor mítico, visto que representa o rosto e a história de Zumbi. Eis o exemplo: “[...] em cada mocambo visitado se repetiam o rosto e a história. Até, que, cansado, fracassado, impressionado com os fatos e consigo mesmo, voltou ao Recife sem conseguir esquecer aquele semblante ubíquo, majestoso, que parecia persegui-lo como uma assombração”²³

Em termos de registro histórico, o narrador de “A cabeça de Zumbi” nos conta que foram várias as lutas empreendidas contra Palmares. Em uma das falas de Ganga Zumba, por exemplo, destaca-se a abolição da escravatura. Ganga Zumba diz representar o povo livre: “[...] Não somos como os brancos, Zumbi. Represento a vontade de um Estado soberano. Minha autoridade vem do povo livre que me escolheu”²⁴. Esse “povo livre” emblema para o fenômeno da abolição, ao tempo em que nos aciona a pensar na historiografia oficial, que não faz referência a Ganga Zumba como o escolhido para ser autoridade do povo livre. O heroísmo das lutas contra o regime escravocrata tem seu máximo representante em Zumbi.

Um caminho para a afirmação identitária do afro-brasileiro é justamente a heroicização dos antepassados e a exaltação dos movimentos que se opuseram ao cativeiro: as revoltas armadas e, sobretudo os quilombos, buscando-se um resgate do papel desempenhado por essas ilhas de resistência. Não só a conclamação à revolta, mas, sobretudo o reconhecimento de figuras-chaves que

²² MUSSA, 2009, p. 187.

²³ MUSSA, 2009, p. 190.

²⁴ MUSSA, 2009, p. 186.

fortalecem uma autoimagem positiva ajudam a manter bem alto o orgulho e resultam numa enorme força lírica. Zumbi é visto como exponência do ancestral, herói fundador, reencarnado no povo afro-brasileiro que não fica passivo ante as injustiças e a segregação social de que é vítima.²⁵

Nesse propósito, percebe-se que, embora haja textos de nossa historiografia que ofuscam a luta de heróis como Zumbi, há escritores na contramão desse caminho, colocando Zumbi no lugar desejado (na história e no mito), e que acabam reverberando a presença e a continuidade da raiz africana na identidade cultural. E, nesse caso, cabe um trabalho investigativo que oponha uma tradição contaminada pelo olhar do opressor a outra, desconstrutora dessa injunção ideológica e discursiva. Essas novas narrativas emergem como forma de inserir os outros lados da composição da identidade cultural, a saber, o negro, o índio.

A observação dessa luta discursiva remete às problemáticas da representação, as quais são construídas em torno das diversas produções culturais. Estamos permeados por um movimento dialético em que tanto o artístico quanto o político são ferramentas para a construção do texto literário. Neste ponto, os estudos pós-coloniais, seguindo a esteira da pós-modernidade, sugerem o deslocamento do centro e o questionamento do seu discurso. Tão logo, o discurso construído pela “história oficial” é questionado pelo discurso dos silenciados, que também fazem parte da história da nação. Por exemplo, ao fazermos a leitura do conto de Alberto Mussa, passamos a ver outra perspectiva da história, que traz a figura de Zumbi como ente histórico e mítico, como chefe guerreiro que lutou pela liberdade de seu povo.

Como dissemos antes e nos respaldando em Augel, a memória desse herói máximo tem sido recuperada através da poesia negra ou da música popular brasileira, engendrando-se estratégias identitárias e reterritorializando-se a história dos afrodescendentes, dignificando-se seu esforço de sobrevivência cultural. Entretanto, se a historiografia tornou obscura ou invisível a ininterrupta cadeia de resistência e rejeição do cativo por parte dos africanos e seus descendentes, há vozes que vêm celebrar Palmares e seu guerreiro maior, Zumbi, exaltando-os como símbolos da liberdade negra. Moema Augel fala da importância particular de Palmares como espaço para a construção dessa simbologia:

Certos toponímicos possuem um conteúdo simbólico que lhes empresta qualidades associadas a uma relação social que tem grande efeito na preservação identitária. Assim é Palmares, assim é a Serra da Barriga, onde se realizou o drama

²⁵ AUGEL, s/a, p. 10.

e aconteceu a glória da resistência escrava no Brasil. Palmares, ponto geográfico reconhecível no Nordeste brasileiro, é também o sonhado território da liberdade, é mais que simplesmente um sonho utópico, é mais que um momento histórico passado. Continuar a celebrar Palmares é antecipar um futuro para a realização do qual muitos se têm empenhado e a poesia é um dos fundamentos dessa arquitetura da esperança. Palmares como o símbolo da "nação imaginada" (Benedict Anderson), como comunidade de história e de destino (Max Weber), umbigo africano enterrado em terras brasileiras. Depositário dos saberes tradicionais, dos deuses ancestrais.²⁶

O quilombo dos Palmares, em Alagoas, que começou com apenas um punhado de quarenta fugitivos, no final do século XVI, resistiu durante mais de noventa anos às investidas dos exércitos portugueses e holandeses e chegou a abrigar uma população de cerca de 30 mil pessoas, os quilombolas, espalhados numa área de quase 350 km quadrados, constitui-se como o espaço de realidade histórica que sustenta a dupla dimensão existencial de Zumbi dos Palmares.

Apesar das restaurações históricas dos acontecimentos da Serra da Barriga e da figura real de Zumbi, é imprescindível a afirmação de uma memória da africanidade que transcenda a história da escravidão. A liberdade a que tanto Zumbi aclamava era como narra Mussa “[...] um fim único para todas as coisas”²⁷ Quando Zumbi, no conto, ao se deparar com a morte, fala para seus guerreiros:

[...] Não podemos permitir que Palmares entre para a história com um sentido que não foi o seu. Estamos acima do heroísmo corriqueiro e muito além de um simples gesto épico. Os que sobreviverem deverão saber e difundir que – negando a possibilidade do arbítrio – temos combatido pela liberdade absoluta: a que consiste na sujeição dos indivíduos a uma necessidade extrema, radical, que não permite opção, que não admite identidade²⁸.

está ratificando que a luta pela liberdade que tanto almejava não se resumia a ser lembrado apenas como herói e, sim, como já destacado aqui, como o que almejava a “servidão dos brancos”. Eis o espírito vingativo de Exu manifesto na personagem.

Conforme defende Augel,

Não é possível desligar Palmares de todos os outros quilombos nem da figura do herói máximo, Zumbi. Quase todos os poetas afro-brasileiros se referiram de um modo ou de outro à grande figura emblema na resistência negra. Num artigo datado de 1996, Robert Anderson, LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro da

²⁶ AUGEL, s/a, p. 20

²⁷ MUSSA, 2009, p. 191.

²⁸ MUSSA, 2009, p. 192.

Universidade de Carolina do Norte, nos Estados Unidos, discorre longamente sobre o que chamou de "mito de Zumbi", frisando que o lendário guerreiro está muito vivo, oferecendo-nos uma rara vista de um mito em processo de fabricação e acrescenta que apesar de dar substância à matéria de Zumbi, as indagações sobre os dados históricos de Palmares são de certa forma irrelevantes ao significado de Zumbi atualmente (R. Anderson, 1996, p. 100).²⁹

Considerações Finais

É notório que, de forma geral, o discurso da História do Brasil, representando por um sem número de textos, frisa a escravidão do negro, porém quase não reflete as lutas contra a dominação e a resistência que se formaram contra tudo de indigno que havia na escravidão. A injustiça e a incompreensão formaram homens guerreiros, capazes de lutar contra tudo e contra todos em busca de liberdade. Como exemplo disso, podemos destacar Zumbi, que, juntamente com outros representantes da identidade negra, durante o período escravista brasileiro, empenhou-se na luta contra a opressão do sistema que impunha o trabalho compulsório aos africanos e seus descendentes.

Ao nos debruçarmos em textos como o de Alberto Mussa, alargamos nossa visão sobre aquilo que é retratado pela história oficial (principalmente no âmbito dos estudos escolares, que formam a visão de mundo de nossas crianças e adolescentes), e passamos a refletir sobre o valor de determinadas "verdades históricas" elaboradas, instituídas e transmitidas por uma História do Brasil que se oficializou a partir da aceitação tácita da superioridade do colonizador. A partir de textos como o de Mussa, observa-se a busca pela valorização de um povo que lutou dramaticamente pelos seus sonhos. Por outro lado, esses textos nos fazem enxergar fatos desditosos da historiografia oficial, que ofuscam a luta desses heróis pela liberdade de seu povo, apresentando-os como passivos e submissos.

A história oficial não esclarece o que realmente aconteceu no Quilombo dos Palmares. Ao contrário, não só omite nomes de "vilões" (chefes militares, governantes, etc.), como, quando os revela, transforma-os em heróis. Todavia, há textos que fazem uma reflexão sobre a "verdade histórica", instituída pela história oficial, mostrando a luta dos imigrantes do quilombo dos Palmares e enaltecendo o seu rei maior, Zumbi. Em "A cabeça de Zumbi", Alberto Mussa resgata a identidade afrodescendente e estabelece um diálogo entre a História e a criação literária. Sugerindo, implicitamente, a reescritura da história oficial, ele delinea Palmares como símbolo da

²⁹ AUGEL, s/a, p. 9.

liberdade, e sugere a retomada da dignidade de Zumbi como o grande líder histórico e mítico que representa uma coletividade.

Sabemos que os afrodescendentes tiveram suas memórias silenciadas durante um longo tempo, por conveniências políticas da época. Ainda assim, através da literatura, por exemplo, podemos questionar “verdades históricas” instituídas, estabelecendo a compreensão de um mesmo acontecimento histórico com interpretações diferentes, percebendo a presença dos afrodescendentes no contexto da sociedade brasileira.

Ao transitar por esses caminhos, estamos ancorados nos ensinamentos dos Estudos Culturais e Pós-coloniais, campos de estudo importantes, pela abertura dada ao enfoque nas representações das camadas populares. Esse viés provoca um espaço de debate para compreender as diversas histórias e sugerir a articulação dos diferentes discursos dentro da esfera das lutas discursivas. Assim, com essa motivação, podemos, de forma ampla, dada a presença múltipla de textos e obras de arte em geral, refletir sobre a inserção de Zumbi dos Palmares na História, considerando os deslocamentos dos discursos hegemônicos.

Sobre as questões inicialmente propostas (“Até que ponto essa obra dialoga com registros históricos sobre Zumbi dos Palmares?” e “Como a inserção mítico-simbólica de Zumbi dos Palmares na cultura brasileira é representada?”), podemos concluir que Alberto Mussa opta menos pelo diálogo com referentes explícitos do discurso histórico e mais com o potencial simbólico que a imagem mítica de Zumbi dos Palmares possui. Esse investimento na simbologia ambígua da “cabeça de Zumbi” produz, em termos de recepção crítica, a imediata possibilidade de se estabelecer uma relação de espelhamento entre as imagens de Zumbi e a de Exu. Por isso, fundindo definitivamente as duas imagens neste breve estudo, perguntamos, com Roger Bastide, mas pensando no “Zumbi-Exu”:

Foi porque preside justamente às aberturas e aos caminhos, e não por outras razões, que se tornou o mensageiro de todos os orixás; e é por isso que abre a porta que separa a natureza das coisas divinas, unindo assim essas duas camadas do mundo. Mas esses dois reinos não são os únicos a serem unidos; existem muitas outras camadas, e urge indagar se a função de Exu não é infinitamente mais importante ainda.³⁰

No caminho criado por essa última indagação, e entendendo a imagem de Zumbi-Exu, colhida no decorrer do conto e a partir das aberturas que ele mesmo nos deu para tal, podemos

³⁰ BASTIDE, 2001, p. 171.

inserir a visão nítida da preocupação que escritores como Alberto Mussa têm em estabelecer uma conexão com seu tempo, demarcando outras maneiras de ver e vivificar a luta e a resistência desses sujeitos excluídos da historiografia oficial por liberdade e reconhecimento de seu papel social. Conseqüentemente, ao colocar Zumbi no lugar desejado (na história e no mito, um Exu que abre portas para um futuro diferente), o conto “A cabeça de Zumbi” reverbera a presença e a continuidade da raiz africana na identidade cultural.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Robert. O mito de Zumbi: implicações culturais para o Brasil e para a diáspora africana. *Afro-Ásia. Revista do Centro de Estudos AfroOrientais da Universidade Federal da Bahia*, n. 17, 1996, p. 99-119.

ASSIS, Machado. *Obra completa em quatro volumes*. V. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

AUGEL, Moema Parente. Os herdeiros de Zumbi: representação de Palmares e seus heróis na literatura afro-brasileira contemporânea. In: *Literafro*. Disponível em: <http://150.164.100.248/literafro/>. Consulta realizada em 10/03/2017.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz; revisão técnica Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

EVARISTO, Conceição. Questão de Pele Para Além da Pele. In: RUFFATO, Luiz (Org.). *Questão de Pele*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009, pág. 19-37.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48ª Ed. São Paulo: Global, 2003.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A 1997.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARTINON, Jean-Pierre. O mito da literatura. In: *Atualidade do mito*. Trad. Carlos Arthur R. Nascimento. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977, pp. 121-134.

MUSSA, Alberto. A cabeça de Zumbi. In: RUFFATO, Luiz (Org.). *Questão de Pele*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009, pp. 185-194.

PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RUFFATO, Luiz (Org.). *Questão de Pele*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

SILVA, Vagner Gonçalves da Silva. *Candomblé e umbanda*. Caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994.

Christina Bielinski Ramalho: Doutora em Letras (UFRJ, 2004) e Professora Adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa e Estágio Supervisionado do Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana. Atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS e o Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP). Especialista em história da epopeia e no ensino de poesia na escola é autora e organizadora de 26 livros (teoria, crítica e historiografia literárias, além de produção literária própria).

Luciara Leite de Mendonça: Licenciada em Letras/Português, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe com bolsa Capes. Sua pesquisa tem como tema os traços épicos da presença de Zumbi dos Palmares em quatro obras de cordel. É pesquisadora do CIMEEP.

Artigo recebido para publicação em: Maio de 2017.

Artigo aprovado para publicação em: Junho de 2017.